folha informativa

36.º Festival de Almada
04-18 de Julho // 2019
Organização: Câmara Municipal de Almada | Companhia de Teatro de Almada

N.º 8 – Quinta 11 de Julho de 2019

Ciclo Primo Levi prossegue em Encontro da Cerca, no sábado

No ano em que se assinala o centenário do nascimento de Primo Levi, autor de *Se isto é um homem*, agora pela primeira vez adaptado para teatro em Portugal e estreado no Festival – uma criação da Companhia de Teatro de Almada, com encenação de Rogério de Carvalho, cenário de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira e interpretação de Cláudio da Silva –, organizámos um Ciclo Primo Levi: uma homenagem ao autor do mais conhecido relato testemunhal do Holocausto.

No sábado, a partir das 10h00, a Casa da Cerca acolhe os palestrantes de As palavras e o Mundo na herança de Primo Levi, um encontro entre investigadores e outros especialistas. De acesso livre, o Encontro está condicionado à lotação da sala e aberto à participação do público do Festival que queira interpelar as pessoas que convidámos para evocar a vida e a obra de Primo Levi e o seu contributo para a memória do Holocausto.

Integrado no programa de Encontros da Cerca que o Festival habitualmente organiza, conta com a presença de António Martins, Giovanni Tesio, Martina Mengoni, Ricardo Presumido, Rogério de Carvalho e Esther Mucznik. Tem a colaboração da Memoshoa

© La Stampa

(Associação Memória e Ensino do Holocausto) e os apoios do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa e do Centro Internazionale di Studi Primo Levi.

Terror e Miséria no III Reich e em 2019

Convidado para assistir aos ensaios de *Terror e miséria*, de Bertolt Brecht, que António Pires encenou para o Teatro do Bairro, Daniel Oliveira lembrou o contexto histórico-político em que o texto nasceu e as terríveis similitudes com o que está a acontecer presentemente no Mundo: «Isto foi quando Brecht, instalado na Dinamarca, ia somando pequenas histórias de um quotidiano de medo instalado através de recortes de jornal e notícias que recebia da resistência. A coisa começa com a indiferença perante a discriminação de um outro distante. Um refugiado que morre no Mediterrâneo, os ciganos que são alvo dos ataques de um candidato demagogo, um negro no bairro da Jamaica. A coisa começa quando alguém promete sacudir o povo para que acorde do seu longo sono, que é esta democracia incompleta e morna. A coisa continua quando nos dizem

© Maria Antunes

que seremos apenas uma grande comunidade nacional, sem diferenças, divergências ou classes. E quem não ama o Brasil que o deixe. A coisa continua quando, em *placards*, se excita a turba com mão pesada contra os "monstros", sejam eles corruptos, pedófilos ou agressores. Até o povo estar todo na prisão. São sempre os que nos prometem segurança absoluta que nos entregam ao terror quotidiano. São sempre os que nos prometem uma prosperidade eterna que nos oferecem uma miséria sem fim. Claro que a coisa não começa assim. Começa como está a começar na Polónia, na Hungria, na Áustria, em Itália, nos Estados Unidos, no Brasil.»

Amanhã, no Palco Grande do Festival pelas 22h00.

Mary Stuart por Bob Wilson

«Sou a tempestade, delicada e impiedosa, que faz curvar os homens. […] Sou o dragão e o seu fumo. […] Sou guiada por algo forte. No meu fim está o meu começo.» Eis umas poucas palavras de entre as muitas que poderão ouvir-se amanhã e depois no Centro Cultural de Belém, proferidas pela actriz francesa Isabelle Huppert, que se fez voz de Mary Stuart, rainha dos Escoceses, num monólogo escrito por Darryl Pinckney para mais uma encenação histórica de Robert (Bob) Wilson. A música tem a assinatura de Ludovico Einaudi.

Uma criação do Théâtre de la Ville (Paris), para uma coapresentação do Festival de Almada e do CCB, que leva a cena um dos mais dramáticos episódios da História da Europa do século XVI.

© Lucie Jansch

Amanhã, *Fahrenheit Ara Pacis* com entrada livre

Amanhã, sexta-feira, dia 12 de Julho às 24h00, apresenta-se neste Festival o espectáculo *Fahrenheit Ara Pacis*, de Vicent Martí Xar, com direcção artística de Leandre Escamilla e Manuel Vilanova – uma experiência ao ar livre, que poderá ser desfrutada na rua, na Praça São João Baptista, com entrada livre.

Este espectáculo joga com luzes, sons, cores, pirotecnia, como forma de convidar todas as pessoas a pensar no que são a guerra e a paz, e como têm sido vividas pela Humanidade ao longo dos tempos. Uma criação que se fez a pensar nos deuses e em quanto parecem ter desistido de nós, e também nas festas ancestrais que fazíamos em sua honra, como tentativa (falhada) de readquirir o seu respeito e a sua protecção. Sucumbimos à destruição, ao furor de guerras que nós próprios ateamos. Um espectáculo que conta a História das sociedades humanas numa perspectiva de tempo longo, realizando um percurso simbólico e evocativo pelos meandros das tradições festivas intemporais.

AGENDA DE AMANHÃ

CURSO DE FORMAÇÃO

14:00 **O sentido dos mestres com Hajo Schüler**
Fórum Romeu Correia

TEATRO

16:00 **que boa ideia, virmos para as montanhas**
Teatro-Estúdio António Assunção

16:30 **Se isto é um homem**
Teatro Municipal Joaquim Benite

MÚSICA NA ESPLANADA

20:30 **Maio Copé**
Escola D. António da Costa

TEATRO

21:00 **Mary Said What She Said**
Centro Cultural de Belém

21:00 **O Sonho**
Teatro Municipal Mirita Casimiro

21:30 **As três sozinhas**
Teatro Nacional D. Maria II

22:00 **Terror e miséria**
Escola D. António da Costa

ESPECTÁCULO DE RUA

24:00 **Fahrenheit Ara Pacis**
Praça São João Baptista

Teatro da Cidade regressa ao Festival

Que boa ideia, virmos para as montanhas faz a sua primeira aparição no Festival amanhã, sexta-feira, dia 12, e repete nos dias 13 e 14, no Teatro-Estúdio António Assunção, em Almada Velha, sempre às 16h00. Com texto e encenação de Guilherme Gomes, desenho de luz de Rui Seabra e interpretação de Guilherme Gomes, Nídia Roque e Rita Cabaço, *que boa ideia, virmos para as montanhas* é uma criação do Teatro da Cidade, uma novíssima e promissora estrutura teatral, criada por um grupo de pessoas que integram a mais nova geração de gente do teatro de arte português. É a segunda vez que o Teatro da Cidade marca presença no Festival. A primeira foi em 2017.

Luciano Rosso e Nicolás Poggi, ontem no Palco Grande do Festival

O público durante o beberete de confraternização com os artistas após o espectáculo *Un poyo rojo*

© Luana Santos

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
- Favata
- Dourada no forno
- Panzanella

AMANHÃ
- Paella
- Bacalhau à Zé do Pipo
- Lasanha vegetariana

VENDA DE BILHETES PARA O ESPECTÁCULO DO PALCO GRANDE NA ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA

Este ano a bilheteira abre às 21h, na Escola D. António da Costa, com o mínimo de 50 bilhetes disponíveis para o espectáculo do dia.